

# FUTEBOL E TEORIA SOCIAL: INTRODUÇÃO A UMA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO<sup>1</sup>

Francisco X. F. Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto visa apresentar e analisar algumas das principais investigações sobre o futebol brasileiro na área das ciências sociais, destacando as temáticas mais relevantes. Investiga-se as possibilidades de estudar o futebol a partir de conceitos centrais da teoria social contemporânea. Faremos uma articulação entre a sociologia do esporte e as contribuições da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Norbert Elias e Eric Dunning na análise do futebol.

**Palavras-chave:** Futebol, teoria social, sociologia.

## APRESENTAÇÃO

O presente texto tem por objetivo reunir os principais estudos nas Ciências Sociais sobre o futebol brasileiro. Pretende investigar quais os temas centrais na sociologia do futebol brasileiro. Analisa as possibilidades de utilização de alguns conceitos relevantes da teoria social contemporânea nas investigações do esporte moderno, particularmente no futebol. Os autores utilizados Bourdieu, Foucault, Elias e Dunning.

O trabalho divide-se em duas partes. A primeira consiste numa introdução à sociologia do futebol brasileiro, com ênfase nos temas das principais investigações sobre o fenômeno futebolístico no Brasil. A segunda é uma tentativa de mostrar a possibilidade de utilização de alguns conceitos sociológicos contemporâneos na investigação do futebol.

## 1 INTRODUÇÃO A UMA SOCIOLOGIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

O futebol surge no Brasil no final do século XIX, quando Charles Miller retorna da Inglaterra, em 1894, trazendo materiais próprios desse esporte: bolas, camisas, calções e chuteiras. Charles Miller introduz o futebol no Brasil, inicialmente no estado de São Paulo, entre os jovens da elite paulistana. O elitismo é uma marca do nascimento do futebol no Brasil. Negros e mulatos eram excluídos dessa “nobre prática esportiva”, sendo um privilégio dos membros da elite nacional. O futebol aparece como elemento da

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte do referencial teórico da pesquisa em andamento “A formação do Jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2001): um estudo de caso”, a qual integra a dissertação de mestrado em sociologia na UFRGS.

<sup>2</sup> Mestrando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

modernidade. Como afirma Helal (1990:38), “De início, logo após a atividade de missionário exercida por Charles Miller, o futebol teve como focos de irradiação o meio industrial e aristocrático, ligados aos hábitos de lazer da colônia européia”. É somente nas primeiras décadas do século XX que começa a popularização do futebol. Sua democratização e consagração como elemento da cultura nacional dá-se nos anos 1930, quando ocorre a profissionalização em 1933 (Moura, 1998:19).

Aqui o futebol seria um instrumento de emancipação social dos negros, um espaço que possibilitaria ascensão social, independentemente de poder econômico e do grau de escolaridade. Esta é a tese defendida por Mário Filho (1964) em *O Negro no Futebol Brasileiro*. Trata-se de um trabalho tido como referência para outros estudos, mas muito contestado pela utilização de modelos gerais de elitismo, racismo e luta de classes. É rico em informações e pobre em análise, sendo dotado de pouca cientificidade. No entanto, nas décadas de 1980 e 1990 a perfil sócio-econômico do jogador brasileiro altera-se, especialmente com a proliferação de escolinhas particulares e a redução dos campos de várzea. A defesa da tese do futebol como instrumento de ascensão social requer um estudo empírico amplo.

Bourdieu (1983:147) vê na carreira esportiva um meio de ascensão social para as classes populares (dominadas socialmente). O mercado esportivo é dominado por valores e interesses dos praticantes oriundos de classes médias e baixas, os quais buscam se profissionalizarem.

A passagem do amadorismo para o futebol profissional é marcada pela entrada em cena de jogadores de origens populares nos grandes clubes, apesar dos obstáculos quase intransponíveis que tiveram que enfrentar. Os jogadores negros e mestiços são os pioneiros no que viria a ser chamado de “estilo brasileiro de jogar futebol”. Esses serão os atletas socialmente identificados como os criadores e a razão de ser do conhecido *futebol-arte*, uma das peculiaridades brasileiras nesse esporte (Lopes, 1998:19). A forma espontânea de jogar, caracterizada pela astúcia, criatividade e improviso, segundo a narrativa que domina o imaginário social sobre o futebol, nos diferenciaria dos países europeus. Essa técnica futebolística (“ginga brasileira”) seria também considerada um elemento importante na construção da identidade nacional. Em parceria com Jean-Pierre

Fagher, Lopes (1994) realiza um brilhante trabalho sobre a construção do estilo brasileiro de jogar futebol e as relações entre jornalismo e política no Brasil.

Para Gilberto Freyre (1971), as qualidades do futebol no Brasil, a maneira artística de jogar, os dribles geniais e a dança gingada confirmariam a brasilidade, sendo resultado da mistura de raças, tão positiva na constituição da identidade nacional. É importante pensar também na idéia de democracia racial proposta por Freyre para se entender não só o futebol, mas a própria sociedade brasileira.

O futebol é um fenômeno sócio-cultural de grande importância para o povo brasileiro. O estudo deste fenômeno vem ganhando relevância no meio acadêmico nacional nas últimas décadas. A academia brasileira começa a despertar para a relevância social, cultural e econômica do futebol e as imensas possibilidades de investigação que o tema oferece. Na área das ciências sociais, podemos dizer que é com Gilberto Freyre (1971) que se iniciam as análises sociológicas do futebol brasileiro. Para mostrar como os cientistas sociais têm se voltado para este tema, pode-se citar alguns estudos exemplares. Esse o caso de Roberto DaMatta, organizador do livro *O universo do futebol* (1982). Segundo ele, o futebol, as festas e o carnaval seriam fontes da identidade nacional. O futebol permitiria aproximar o Estado nacional e a sociedade. É importante apontar outros estudos como a *Antropologia do Óbvio* (1994), na *Revista USP: Dossiê Futebol* (22). J. Meihy organiza *Futebol e Cultura* (1982); L. Henrique de Toledo escreveu *Torcidas Organizadas de Futebol* (1996); Claudia Mattos escreve *Cem anos de paixão* (1997) e Ronaldo Helal, *Passes e Impasses* (1997). Seguramente, o futebol é um fato social que possui dimensão econômica e cultural, por si só esse traço legitima o interesse entre os cientistas sociais. Algumas dissertações e teses têm sido produzidas nos últimos anos ao seu respeito. Entre elas, citamos *Os gênios da Pelota* (Museu Nacional, 1980), de Ricardo Benzaquem Araújo, no qual faz um estudo sobre os motivos que levaram oito atletas a escolherem o futebol como profissão e a representação destes acerca do futebol; *Os Gaviões da Fiel* (Unicamp, 1982) de Tadeu César; *O Rio corre para o Maracanã* (UFRJ, 1998), de Gisela Moura; *Migração e futebol: o caso do Palestra Itália* (Unicamp, 1996), de José Renato de Araújo. No caso do trabalho de Gisela Moura, temos uma instigante análise do significado da construção do Estádio do Maracanã como um elemento constitutivo da relação identitária entre o povo brasileiro e o

futebol. Nesta obra, encontra-se também uma análise do significado da derrota da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 diante da seleção uruguaia.

A maioria dos estudos sobre o futebol no Brasil enfatiza sua história e a relação entre futebol e identidade nacional (Guedes, 1999). O trabalho de Gil acerca do drama do futebol-arte a partir dos anos 1970 insere-se nesta perspectiva. Gil (1994) destaca a relação entre futebol e nação, dando ênfase à imagem do futebol-arte como representação do povo brasileiro (miscigenação) e fonte da identidade nacional. A cultura mestiça brasileira teria dado origem ao estilo malandro de jogar futebol no Brasil. Alguns pensadores entendem o futebol como metáfora da nacionalidade. A construção da identidade nacional a partir do futebol-arte, no qual predomina a magia, habilidade, improviso e talento. Sua principal contribuição é discutir a oposição entre futebol-arte (magia, habilidade, improviso, liberdade de criação, artístico) e futebol-força (esquemas táticos rígidos, força). Este debate pode ser entendido também a partir da antinomia tradição e modernidade, bem como à luz do conceito de campo (Bourdieu).

Conforme Machado (2000), no campo da academia dois pólos se destacam nas explicações do futebol no Brasil: (a) **Do ópio do povo à democracia do povo**. Trata-se da abordagem essencialista ou democrática que se fundamenta em Gilberto Freyre (1964, 1971). O sucesso do nosso futebol assenta-se na miscigenação racial. O jeito brasileiro de jogar resulta da mistura de raças. A teoria da democracia racial como ideologia que relaciona o futebol com a formação étnica e nacional. Filho (1964) defende o futebol como mecanismo de ascensão social, um meio dos negros e demais classes populares driblarem a hierarquia social, modificando as posições no mapa da estrutura sócio-econômica brasileira. O futebol como agente democratizador das oportunidades e possibilidades. Dentro da perspectiva que entende o futebol como elemento da burguesia, fator alienador e ópio do povo, podemos mencionar os trabalhos de Ramos (1988)<sup>3</sup>, Levine (1982)<sup>4</sup>, autores que defendem a idéia de que o futebol despolitiza as massas, sendo usado como instrumento de classe para dominar as massas; (b) **A abordagem universalista** do futebol fundamenta-se em DaMatta (1982; 1994). O futebol assume papel civilizador, nos ensina a obedecer a regras. O futebol horizontaliza os relacionamentos sociais, estimula a igualdade de

---

<sup>3</sup> Ver RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1988.

condições e cidadania numa sociedade hierárquica como a brasileira. Trata-se de um agente capaz de disciplinar os indivíduos, e transmitir mensagem democrática, especialmente através das regras, universais e transparentes. A mensagem democrática também se expressa na alternância entre vitórias e derrotas, todos podem experimentar estas experiências, ninguém é só vencedor ou perdedor (DaMatta, 1994:17). O futebol aparece como agente do individualismo ao estabelecer igualdade nas disputas, sendo um elemento da sociedade moderna. Sendo, portanto, um produto da modernidade.

O futebol é um sistema de pensamento, democrático e acessível a todos os segmentos sociais. DaMatta rejeita a visão do futebol como ópio do povo, muito difundida por setores críticos da esquerda, que considera o futebol como instrumento da dominação de classe. Neste ponto, Machado (2000), para quem existe forte ligação entre futebol e nação, concorda com DaMatta. Ao longo das leituras, verificamos que a questão central na sociologia do futebol brasileiro é a relação entre futebol e identidade nacional.

É necessário salientar outros trabalhos na literatura futebolística brasileira acadêmica. Um deles é “*Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*” de Ronaldo Helal (1997)<sup>5</sup>, no qual encontramos uma extigante análise das crises e impasses na organização do futebol brasileiro. Entendendo o futebol como espetáculo, o autor enfatiza os impactos da comercialização, transmissões dos jogos ao vivo sobre o futebol. Sua conclusão é que a organização do nosso futebol, dirigentes amadores-jogadores profissionais, reflete o dilema cultural brasileiro, comportando a lógica dual: moderno versus tradicional. Em artigo intitulado “Modernidade e tradição no futebol brasileiro: o caso ‘Bebeto’” Helal e Coelho (1995) discutem a dualidade moderno/tradicional nas transações comerciais de jogadores no Brasil, tendo a transferência de Bebeto em 1989 do Flamengo para o Vasco.

Proni (2000)<sup>6</sup> elabora uma excelente abordagem sobre a modernização do futebol brasileiro e à transição para um modelo de gestão empresarial. Em *A Metamorfose do*

---

<sup>4</sup> Ver LEVINE, Robert. “O caso do futebol brasileiro” In WITTER, José S. (Org.). *Futebol e cultura*. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

<sup>5</sup> Ver HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. Trata-se de uma brilhante tese de doutoramento defendida no Departamento de Sociologia da New York University, que tem como objeto central a organização do futebol brasileiro no final do século XX.

<sup>6</sup> Ver PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas/SP: UNICAMP/IE, 2000. Este trabalho é uma síntese de sua tese de doutorado em Educação Física, defendida em 1998. Discute as recentes transformações na legislação, Lei Zico, Lei Pelé e as perspectivas no futebol brasileiro diante do futebol-empresa.

*Futebol* discute a institucionalização do futebol no Brasil, profissionalização, democratização, modernização, marketing no futebol, futebol-empresa e as recentes alterações na legislação futebolística. Defende a tese de que a modernização pela via do mercado tende a excluir os clubes pequenos do futebol brasileiro, sendo, portanto, uma modernização excludente, que reflete um pouco de processo de desenvolvimento econômico nacional. Nossos dirigentes esportivos compreendem a modernização com a simples transferência de modelos de organização europeus.

Ao pesquisar a relação futebol e poder, Ramos (1988:34) analisa o futebol como aparelho ideológico do Estado. Sua conclusão é que este esporte mistifica a realidade, despolitiza e imobiliza os indivíduos, conduzindo-os a uma posição acrítica e passiva diante dos processos sociais. Para este pesquisador gaúcho, existe estreita relação entre futebol, capital e poder. O futebol contribui para reproduzir o sistema social. Trata-se de uma análise problemática, com tendências ideológicas.

Em *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro* Waldenyr Caldas (1990)<sup>7</sup> analisa a trajetória do futebol brasileiro de 1894 a 1933, enfatiza a transição do amadorismo ao futebol profissional, contextualizando este produto lúdico da nossa cultura no cenário político, econômico e cultural. Entre as conclusões de Caldas (1990:227-9), destacaremos: (1) a democratização do futebol no Brasil teve como ponto de partida uma questão geográfica. Mas precisamente o fato de que no bairro de Bangu, Rio de Janeiro, onde se localizavam algumas fábricas, seu isolamento, não havia jogadores suficientes para formar mais de um time, o que obrigou os ingleses a convidar operários para integrar suas equipes. Isso permitiu a entrada de jogadores de classes pobres, o que era inaceitável para a elite até então; (2) a democratização e popularização do futebol brasileiro num segundo momento vão ocorrer por necessidade econômica dos jogadores. Os jogadores-operários lutavam pela profissionalização, precisavam de remuneração para continuar praticando este esporte. Os clubes buscam novos talentos entre as classes antes marginalizadas no futebol e nas estruturas social mais ampla e pelo preconceito racial; (3) o movimento pela profissionalização mostrou que “o amor à camisa” foi um mito. Desde os anos 1920 e 1930

---

<sup>7</sup> Ver CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990. O trabalho é uma história sociológica do futebol brasileiro. Resultado da tese de Livre-Docência apresentada a ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP).

que o jogador deseja ser pago para jogar. Trata-se de uma visão romântica e idealista do futebol; (4) é a partir dos anos 30 que o futebol é utilizado politicamente por Getúlio Vargas; neste momento o futebol é incorporado à cultura popular, sendo motivo de unidade nacional; (5) a partir de 1929 o profissionalismo é a única saída para nosso futebol. Os atletas migravam para Itália, Espanha, Argentina, Portugal e Uruguai, países onde o profissionalismo havia sido institucionalizado. As causas do êxodo de jogadores, que continua considerável, são muitas, entre elas crise econômica, desorganização do futebol, excesso de jogos e falência dos clubes nacionais, além dos milionários salários pagos no exterior.

Considerando o conjunto de pesquisas sobre o futebol, podemos perceber que os temas centrais são a relação futebol e identidade nacional, história do futebol, democratização e profissionalização do futebol, uso político do futebol, organização, comercialização e modernização do futebol e torcidas organizadas.

## **2 SOCIOLOGIA DO ESPORTE E TEORIA SOCIAL CONTEMPORÂNEA**

### **2.1- Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e a análise do esporte moderno**

Até meados de 1960 o esporte era considerado um fenômeno a-político, não era tema da sociologia. Na década de 1970, o esporte desperta o interesse da teoria social. A Teoria Crítica elaborada na Escola de Frankfurt, fundamenta uma crítica filosófica e social ao esporte, derivada do movimento estudantil que toma o neo-marxismo como fundamentação. Alude-se à *tese da alienação e coisificação*. As relações sociais são coisificadas, dominadas pela lógica utilitária da razão instrumental. A lógica do mercado invade a cultura com o advento da indústria cultural transformando a arte, o esporte e outros bens culturais em mercadorias. O esporte como dimensão da cultura incorpora valores e princípios da indústria moderna.

Para Teodor Adorno (1986), o esporte teria o papel de coisificar o homem, ao moldá-lo à máquina, destruindo sua liberdade. Tem por função disciplinar o trabalhador, adaptando-o ao trabalho.

A *tese da manipulação e repressão* advoga que a sociedade moderna representa um sistema de manipulação e dominação. Os desejos e necessidades são controlados e manipulados. O princípio de rendimento que aliena o trabalhador é adotado no esporte. O

corpo e a alma são instrumentos. Esta orientação entende o esporte como mecanismo de estabilização do sistema social que ameniza as tensões sociais e desvia atenção das pessoas.

B. Rigauer, G. Vinnai, P. Laguillaumie e Bohme apresentam críticas ao esporte moderno, considerando-o como fenômeno da burguesia. Entendem o esporte como: (a) um sistema de ação alienado como o trabalho, (b) repressão das necessidades, (c) mecanismo de adaptação e manipulação pelas funções de integração, socialização e compensação (Bracht,1997:28). A crítica ao esporte sob orientação da Teoria Crítica enfatiza a **dimensão ideológica** (igualdade de disputas no esporte identificada com as chances na sociedade) e a **dimensão política do esporte** (o engajamento no esporte afasta da política, impede a conscientização, tornando a pessoa conformada com o sistema social). O sistema capitalista reproduz-se perfeitamente no esporte.

## **2.2- A análise do esporte moderno em Bourdieu: o futebol**

A teoria dos campos de Bourdieu (1983;1990; 1996, 1999;2000) possibilita investigar o futebol enquanto campo especializado da vida moderna. Um espaço de diferenciação social, organizado segundo regras e normas próprias, com autonomia relativa frente à política, à economia e à religião

No campo esportivo, as lutas giram em torno da definição e uso legítimos do corpo. Luta traduzida nas disputas entre esporte amador/esporte profissional; esporte de elite/esporte de massa. O advento do esporte profissional implicou numa série de mudanças na forma e no significado social dos esportes.

Podemos traçar um paralelo entre a autonomização do campo esportivo e do campo artístico. A profissionalização do artista, do escritor, pintor ou músico torna-se possível quando a produção dos bens simbólicos destina-se a um mercado consumidor com demandas definidas pela indústria cultural. A arte ganharia autonomia do poder da igreja e da aristocracia, tornando-se mercadoria. O artista seria um profissional. A constituição do campo artístico e intelectual é acompanhado por uma autonomização progressiva do sistema de produção, circulação e consumo de bens culturais (Bourdieu,1999:101). Percebe-se a autonomia do campo intelectual em relação aos campos político e econômico.

A autonomização do campo esportivo é um processo de racionalização (Weber), o qual assegura previsibilidade e a calculabilidade para além dos particularismos e deferências - a constituição de um campo de normas e regulamentos específicos, com dirigentes e



atletas especializados. Trata-se da formação de um mercado produtor e consumidor de modalidades esportivas. A autonomia relativa deste campo consolida-se com sua regulamentação, sendo acompanhada de uma filosofia política do esporte (Bourdieu, 1983:140).

A autonomização do futebol no Brasil consolida-se com a profissionalização na década de 1930, momento no qual o futebol constitui uma esfera relativamente separada da economia, os jogadores-operários transformam-se em trabalhadores do futebol. Podemos comparar o jogador com um artista, produtor de bens culturais, livres de outras preocupações materiais, pois sua profissão lhes garante emancipação financeira. Surge um mercado produtor e consumidor de futebol. A autonomia do campo futebolístico resulta de conflitos entre duas ideologias: (1) do amadorismo e (2) do profissionalismo. A primeira era defendida pela elite, a qual tinha no futebol apenas um tipo de lazer. O futebol amador seria desvinculado de interesses econômicos. Trata-se de um dos pólos que marcam o debate na sociologia do esporte entre esporte de alto rendimento e esporte-lazer, ou se preferirmos entre jogo e esporte. A segunda ideologia era defendida pelos jogadores, pressionando pela profissionalização, institucionalizada em 1933. A partir daí constitui-se um mercado de trabalho novo e promissor no Brasil. Os dirigentes esportivos agora possuem o poder de tomar decisões e legislar sobre o futebol. O jogador surge como um trabalhador, vive da carreira de jogador de futebol. Os conflitos pela definição legítima da prática futebolística podem ser entendidos como disputas por posições e imposições entre os defensores do amadorismo- “a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer” (Caldas,1990:59); - e a classe operária adepta do profissionalismo, tentando institucionalizar o futebol como uma profissão. Esta oposição: amadorismo/profissionalismo traduz-se em conflitos de classes.

A organização do futebol agora deixa de ser negócio exclusivamente da elite política. Na realidade, assim como aconteceu com a esfera cultural, retratada por Bourdieu (1999), (a) o futebol ganha um mercado produtor: os jogadores e empresários que organizam o espetáculo, tornam-se profissionais que instituem normas e regras para gerenciar este negócio como ramo da indústria cultura, pertencente ao setor dos serviços de entretenimento; multiplicam-se as instâncias de legitimação da prática futebolística (clubes, associações, confederações, ligas, federações) e de difusão do futebol (a imprensa), (b)

emerge um mercado consumidor do produto futebol: os torcedores pagam para ver tal espetáculo e compram os produtos relacionados aos clubes.

O conceito de campo permite refletir sobre as lutas pela definição legítima de um estilo de organizar e jogar futebol no Brasil que se estabelecem a partir da Copa de 1974. As disputas giram em torno do antagonismo: futebol-arte *versus* futebol-força. Segundo Gil (1994:107), a partir de 1978 duas correntes de pensamento se confrontam no futebol brasileiro: (a) de orientação esquerdista, defendida por João Saldanha, desejando o retorno do futebol-arte na seleção (futebol alegre, de dribles, improvisado) e criticando a imitação de modelos e esquemas europeus de jogar futebol (o futebol-força); (b) defendia nossa integração no futebol-força, uma forma de modernização do futebol brasileiro e inserção na elite do futebol mundial, através da adoção de um estilo racional, pragmático, competitivo. Nesta corrente, coloca-se técnicos estudiosos do futebol como Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira.

Na pesquisa acerca da formação do jogador de futebol no SC Internacional, utilizamos o conceito de campo para entender o futebol como espaço dotado de autonomia relativa, bem como as disputas entre jogadores, técnicos, dirigentes e jornalistas em relação aos tipos de treinamento, esquemas táticos, concentração e o fim do passe.

*Habitus*, sistemas de disposições, esquemas de classificação, designa as capacidades inventivas e criativas dos atores sociais. Um conjunto de disposições carregadas pelos atores na sua trajetória de vida. Sendo também as estruturas estruturantes, incorporadas pelos atores sociais em cada campo da vida social. É a capacidade do indivíduo atuar como agente da estrutura social, como criador e não apenas como simples reproduzidor das estruturas dadas (Bourdieu, 1996:203-311). As estruturas estão incorporadas no corpo do sujeito. Para adotar esta noção para o futebol, devemos entender a formação do jogador como a incorporação de estruturas, estratégias e modelos de agir, técnicas e esquemas de jogo. A aprendizagem do jogador compreende um *habitus*, ou seja, um capital com o qual ele joga, classifica e constrói realidades. Os jogadores levam a estrutura do clube a que pertence em suas trajetórias. Consciente ou inconsciente, ele reproduz a maneira e o estilo de jogar do clube formador, ou no qual está atuando. Não restam dúvidas de que são os excessivos treinamentos que permitem ao jogador incorporarem um determinado padrão de jogo.

Entendemos a formação do jogador como a construção de um determinado *habitus*. Consiste na incorporação de estruturas, estratégias e modelos de agir, técnicas e esquemas de jogo. A aprendizagem do jogador compreende um *habitus*, ou seja, um capital com o qual ele joga, classifica e constrói realidades. Os jogadores levam a estrutura do clube a que pertence em suas trajetórias. Consciente ou inconsciente, ele reproduz a maneira e o estilo de jogar do clube formador, ou no qual está atuando. Os treinamentos excessivos e as palestras permitem ao jogador incorporar um determinado padrão de jogo o sistema de códigos, técnicas, habilidades ensinadas no clube (aprendem o estilo de jogar futebol de um determinado clube) e reproduzem este estilo. O *habitus* futebolístico do SC Internacional resulta de uma formação teórico-prática recebida pelo jogador.

### **2.3 - O disciplinamento dos corpos no esporte: o futebol e a teoria de Michel Foucault.**

As instituições sociais modernas: escola, fábrica, hospital e polícia possuem dispositivos que disciplinam o indivíduo, manipulam e controlam os corpos. A ordem social sustenta-se na sua capacidade de comando e direção permitida pelo conjunto de instituições e organizações administrativas. Grande parte da obra de Foucault (1998; 2001) destinada-se à análise do poder disciplinar destas instituições.

O esporte moderno pode ser considerado instituição disciplinadora dos corpos. É isso o que pensam Muller, Dieguez e Gabauer (Bracht, 1997:46). Seguindo esta concepção, podemos investigar o futebol como instituição disciplinadora de corpos.

Não é nosso propósito revisar a teoria foucaultiana do poder, algo impossível devido os limites deste trabalho, mas queremos colocar algumas palavras ao seu respeito. A análise de Foucault acerca do poder preocupa-se em captá-lo em suas extremidades, capilar, ramificações, manifesto nas instituições locais e regionais, examinado sua materialização. O poder circular, funciona em cadeia e redes (Foucault, 2001:182-3). O poder passa sobre os indivíduos, fazendo com que os gestos, corpos, desejos e discursos funcionem e sejam identificados como indivíduos. O indivíduo é um efeito do poder, sendo criação e veículo de transmissão.

A noção de poder como rede, micro, estendendo-se ao conjunto de esferas sociais, auxilia-nos no entendimento das relações no futebol: relações de controle social, condicionamentos físicos, técnicos e táticos, ordenamentos e hierarquia das posições. O técnico revela seu poder por meio dos esquemas táticos e da imposição da disciplina. Trata-

se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando a docilidade e utilidade. Os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores “em forma”, preparados para jogar.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). [...], ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (Foucault, 1989:127).

O poder disciplinar trabalha o corpo no sentido de torna-lo força de trabalho, capaz de proporcionar os melhores rendimentos possíveis. O jogador de futebol é uma força de trabalho produto do disciplinamento, treinamentos e do desenvolvimento de seu potencial genético (Carravetta, 2001:19). A noção de disciplina é chave no nosso trabalho, pois consideramos que o disciplinamento é um processo fundamental na formação do jogador.

Disciplina como obediência técnica e tática, sendo uma disciplina corporal e moral. O poder disciplinar manifesta-se das seguintes formas: (1) *A disciplina é um tipo de organização do espaço*. Distribui os corpos em espaços específicos e individuais, classifica-os, conforme determinadas funções. *A disciplina constitui um controle do tempo* (Machado, 2001: XVII). Horários marcados para as tarefas. O corpo é sujeito ao tempo, busca-se produzir com rapidez e eficácia. O que mais interessa é o desenvolvimento e não o resultado da ação. Nos clubes de futebol existem horários marcados para treinamentos, jogos e atividades recreativas. Tem-se o controle minucioso do corpo e de suas operações, buscando articulação entre corpo e objeto manipulado. Interessa-nos saber como se organiza o espaço entre os jogadores em do SC Internacional, na distribuição de funções e o controle que o técnico tem nesse processo. (2) *A vigilância como instrumento de controle social* usado pelo poder disciplinar. Trata-se do controle discreto, invisível. Este controle sem ser visto pode existir também no clube de futebol. Os atletas em formação reclamam da ausência de vida normal, do excesso de trabalho. Treinos de diferentes tipos e as proibições de sair à noite constituem uma espécie de controle social. É neste sentido que a noção de vigilância de Foucault será utilizada para investigar o controle dentro do clube.

### **2.3- A Sociologia Configuracional e a teoria da civilização em Elias e Dunning: contribuições para uma análise do futebol como agente civilizatório**

A teoria de Norbert Elias será utilizada na análise do futebol brasileiro. Ao debater a possibilidade do desporto como tema de pesquisa acadêmica, Elias e Dunning (1992) ressaltam que conhecer o desporto significa contribuir para conhecer a sociedade, especialmente num momento em que cada vez é maior o número de indivíduos que utilizam seu tempo em práticas esportivas. Cabe a sociologia investigar os motivos que levam os indivíduos a sentirem prazer nas relações de tensão, confronto e até violentas nas atividades esportivas.

Os conceitos de Elias que podem ser usados nas análises do futebol são interdependência funcional, configuração, civilização e grupos de tensão. Na pesquisa acerca da formação do jogador de futebol no SC Internacional investigamos os motivos que levam os jogadores a optarem pelo futebol como profissão, destacando a dimensão educativa e civilizatória deste esporte. A teoria globalista adotada na formação de jogadores de futebol a partir de 1997 enfatiza a dimensão pedagógica e civilizatória do futebol, preocupa-se em formar um jogador polivalente, dotado de visão global do processo e não apenas de sua posição (função) específica. O atleta é considerado um ser cognoscitivo. O ensino do futebol, técnicas, controle do corpo, a disciplina são elementos de uma formação profissional que é civilizatória. Nossa ênfase recai na regulamentação e institucionalização no nível de normatização da profissão de jogador de futebol. A noção de “grupos de tensão” para entender os conflitos e negociações entre os atores envolvidos: jogadores, técnicos e dirigentes.

No futebol, a tensão e a cooperação são interdependentes, uma pressupõe a outra. As tensões produzidas durante a partida são mantidas sob controle, graças à segurança e organização por meio de regras e da interiorização de constrangimento, autocontrole. Tal regulamentação do futebol é inerente à evolução dos esportes e ao processo civilizatório.

A sociologia configuracional é útil no estudo das configurações do futebol. Neste esporte os indivíduos demonstram configurações reais. O jogo de futebol é movimento. O reagrupamento constante dos jogadores mostra dinâmica e interdependência entre os membros das equipes. Elias e Dunning (1992:280-297) utilizam o conceito de dinâmica de grupo referindo-se à configuração das equipes em campo, formando uma única

configuração interdependente e inseparável. A dinâmica origina-se nas tensões controladas dos dois subgrupos.

Portanto, entendemos a formação profissional no futebol como resultado de um processo de aprendizagem teórico-prático em treinamentos físicos, técnicos e táticos. Consiste na identificação e aperfeiçoamento das aptidões naturais do jogador combinado com um contínuo disciplinamento e interiorização de técnicas, sendo uma formação globalizante e civilizatória.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O exame da literatura nos permite sustenta a hipótese de que a construção da sociologia do futebol brasileiro é um projeto em andamento que necessita de maiores contribuições dos cientistas sociais brasileiros. Tal projeto enfrenta desafios políticos, institucionais e epistemológicos. Trata-se de lutas ideológicas nas instituições, departamentos e grupos de pesquisa. A temática do futebol abre inúmeras possibilidades de investigação. Lutar para construir uma sociologia deste esporte é buscar uma compreensão científica da sociedade e cultura brasileiras. Estas são as razões pelas quais buscando contribuir para inserir o futebol entre as temáticas não periféricas na Universidade brasileira.

Verificamos que a relação entre futebol e identidade nacional, a crise e a organização do futebol, a relação futebol e poder, o debate sobre a profissionalização do futebol e o futebol-empresa são algumas das principais problemáticas das investigações sociais do futebol brasileiro.

É importante ter em mente que a teoria social contemporânea pode contribuir com a análise do futebol brasileiro, podemos através dos conceitos: campo, habitus, poder, controle, disciplina investigar o futebol nos seus múltiplos aspectos, e conseqüentemente entender dimensões da vida brasileira. Estes conceitos nos auxiliam na explicação do processo de formação do jogador de futebol no SC Internacional, na qual mostramos que se trata ensino-aprendizagem, disciplinamento e aprimoramento do talento e não apenas de despertar e lapidar as aptidões naturais (dom, vocação).

#### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. “A indústria cultural”. In: COHN, Gabriel. (org.). *Textos de Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- ARAÚJO, R. B. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRJ, 1980.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectivas, 1999.
- BOURDIEU, P. *As Regras da Arte*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- BOURDIEU, P. “Lês Jeux Olympiques: Programme pour une analyse”. *Actes de la Recherche Sciences Sociales*, École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 103, jun/1994.
- BOURDIEU, P. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. “Como ser esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRACHT, V. *Sociologia Crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.
- CALDAS, W. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. *Revista USP*, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago 1994.
- CALDAS, W. *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CESAR, B. T. *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*. Campinas: UNICAMP, 1982. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.
- DAMATTA, R. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. *Revista USP*, São Paulo, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago de 1994.
- DAMATTA, R. (org.). *O universo do futebol*. Rio de Janeiro: Editora Pinakothèque, 1982.
- DAMO, A.S. “Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, FGV, v.13, n. 23, 1999.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca de excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- FREYRE, G. “Futebol brasileiro e dança” In FREYRE, Gilberto. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.
- FREYRE, G. “Introdução”. In: FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

GIL, G. “O Drama do ‘futebol-arte’: o debate sobre a seleção nos anos 70”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N.25, ano 9, junho 1994.

GUEDES, S. “O povo brasileiro no campo de futebol: o futebol e a construção da identidade nacional”. *Letras*, n.54/56, agost/out., 1998.

HELAL, R. *O Que é Sociologia do Esporte*. Brasiliense, São Paulo, 1990 (Coleção Primeiros Passos).

HELAL, R. & COELHO, M.C. “Modernidade e tradição no futebol brasileiro: o caso ‘Bebeto’”. *Revista Pesquisa de Campo - Núcleo de Sociologia do Futebol- UERJ*, n. 2, 1995.

HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LEVINE, R. “O caso do futebol brasileiro”. In: WITTER, José S. (org.). *Futebol e Cultura*. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LOPES, J. S. L. *Futebol Mestiço*. *Ciência Hoje*, SBPC, v.24, n. 139, junho 1998.

LOPES, J. S. L. & FAGUER, Jean-Pierre. “L’Invention du Style Brésilien:sport, journalism et politique au Brésil”. *Actes de la Recherche Sciences Sociales*, École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 103, jun/1994, pp.27-35.

MACHADO, I. J. de R. “Futebol, Clãs e Nação”. *Dados- Revista de Ciências Sociais*, v.43, n.1 Rio de Janeiro, 2000.

MOURA, G. de A. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

MURAD, M. “O Lugar Teórico da Sociologia do Futebol”. *Revista Pesquisa de Campo - Núcleo de Sociologia do Futebol- UERJ*, n. 2, 1995.

PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas/SP: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

RAMOS, R. *Futebol: Ideologia do Poder*. Petrópolis/RJ:Vozes, 1984.

RODRIGUES, F. X. F. “A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2001): um estudo de caso”. Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS, 2001.

TOLEDO, L.H. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados/ANPOCS, 1996.